

NOVA CRÔNICA – 1

Chego em má hora; bem o sei. O meu antecessor, farto de esperar assunto *para-lamentar*, adormeceu. Não direi que seja o sono do justo, mas o do infeliz. Com efeito, o que mais houve para-lamentar foi o cronista. Circunscrito ao *dize tu, direi eu* dos pais da pátria, não lhe sobrava alimento e... caiu de fraqueza.

Eu proponho-me a correr este mundo e o outro, e a *prendre mon bien où je le trouve*.

*
* *

Entro por uma observação geral, para me dar uns certos ares de importância, muito necessários a quem escreve para o público: Não há país novo que tenha passado por tantas alternativas como o nosso. Por qualquer face que se encare a sociedade brasileira, são para notar as transformações, ora para o bem, ora para o mal. Das nossas instituições sociais, uma só não mudara: a *mofina*.

A *mofina* é a alavanca do diabo, que mais feliz do que Arquimedes, achou ponto de apoio na própria cauda, e com ela (com a alavanca, não com a cauda) traz o mundo aos trambolhões.

*
* *

Consignada esta verdade, acrescentemos: Mas a revolução invade tudo, tudo, até a mofina! O campo das suas proezas era dantes a imprensa, com sua predileção por um ou outro periódico. Ali estávamos habituados a vê-la; e quando dávamos um passeio em volta das *ménageries* ambulantes, que entre nós se chamam jornais, lá aparecia a mofina cuspidando nos curiosos, como a lhama no visitante dos jardins zoológicos.

Depois a mofina apresentou-se no panfleto; depois nos discursos do parlamento; e agora, agora até no teatro.

*
* *

E isto explica o espírito cáustico de uns maus versinhos atirados à bochecha de uma grande artista, em pleno espetáculo público, por um ator que fora perfeito, se elevasse o gosto ao nível do seu talento, e impusesse a razão e a conveniência por freio à paixão.

*
* *

Nesta terra tudo faz versos... Versos? Sejam; que não tenho lazer para buscar o termo apropriado. E não sei o que mais admire, se a coragem dos poetastros, se a boa-fé de alguns periódicos.

O *Diário do Rio* é o valhacouto destes criminosos de lesa-bom-gosto, quando eles são *aristocratas*; e dá-lhes lugar de honra nas colunas editoriais.

O *Jornal do Commercio*, esse, fidalgos, ou plebeus, não os conhece senão pela bolsa: se paga vai para a vala comum, que se chama *publicações a pedido*; se não paga não tem ingresso.

É certo que, de longe em longe, algo de bom nos dá de colaboradores adventícios; mas é pouco; o que se justifica pela falta de tempo a empregar no exame dos pretendentes. Daqui, a rejeição quase geral.

Causa idêntica produz no *Diário* efeito diferente: admite-se tudo; e sob a responsabilidade da redação, publicam-se, louvam-se e chamam-se *poesias*, a quantos feixes de banalidades mal rimadas e pior metrificadas para lá lhe mandam.

*
* *

Bem disse ultimamente na câmara um ilustre deputado: que neste país tudo produz espontaneamente, e que uma terra tão fértil não reconhece obstáculos ao seu desenvolvimento. Assim é. Até o jacarandá dá fruto, e fruto saboroso. Esta novidade vai fazer uma revolução no mundo científico e na praça do mercado.

Ora aqui tem a prova do meu dito: No *Jornal* do 1º do corrente vêm uns versos à Grécia, a Alexandre, a Godofredo, a Marte, a seus filhos, e ao Sr. comandante da fortaleza da Laje; os quais versos, em que vemos rimar *limites* com *satélites*, são assinados por *J. Jacarandá*.

Portanto, quando alguém me perguntar que fruto dá o jacarandá? eu respondo, sem medo de errar: dá versos... dos tais.

E, como também tenho minha pretensão a privar com as musas, permita a árvore de que se fazem pianos, e outros móveis úteis e agradáveis, que eu a cumprimente com a última penca do seu formoso cacho:

“Eu, senhor, filho ignaro
da classe a que pertenceis,
compreendendo a grandeza
do trato, próprio de reis,

tomo agora a liberdade
de, na frase d'amizade,
dirigir-vos um saúdo,
que sei não recusareis..."

Este *saúdo*, que lhe dirijo, na sua própria frase, é acompanhado de uma profunda reverência à cadeira em que estou sentado, a qual é da madeira, que produz tais frutos.

*
* * *

E o que sinto é que não tenham aparecido na *vitrine* do *Diário* em companhia dos panegíricos de pé quebrado e das mofinas laudatórias.

*
* * *

No segundo espetáculo da Ristori estavam os espectadores à vontade.

Foi o que, em linguagem de empresário, se chama meia-casa.

Grande número de assinantes mandaram vender os seus camarotes e cadeiras. Comprei uma por três mil-réis, para ver e admirar a grande trágica no papel de Medeia.

O abatimento lancei-o à conta do Sr. Giacomo Gleck (Giasone), que me fez desconfiar do heroísmo dos Argonautas. E mister me foi ler a *Medeia* de Eurípides, como a mais antiga, para me reconciliar com eles. O que diriam os que assistiram à representação da tragédia grega, 431 anos antes de Cristo, se vissem a moderna *encarnação* do herói mitológico?

Só se os consolasse o notabilíssimo talento do Sr. Alesandro Grisanti no papel de *Orfeu*, personagem que não entra na obra do poeta heleno.

*
* * *

E quanto ao mais, dispensem-me de tomar a mim o papel da aia da princesa de Colcos, na tragédia antiga:

Cupido cepit miseram nunc me proloqui
Cœlo atque terræ Medeai miserias.

*
* * *

Na quinta-feira apresentou-se-nos a Ristori, pela primeira vez, no papel de Pia de Tolomei.

Renuncio a descrever as delícias e os martírios por que me fez passar a grande trágica. Eu nem a pude aplaudir: tal era o pasmo!

O público deu-lhe inequívocas provas de admiração; e pudéramos dizer que teve no Sr. Furtado Coelho o seu intérprete. O diretor do Ginásio, o distinto ator, o poeta, o músico, o cavalheiro, acompanhado de todos os artistas do seu teatro, cerimoniosamente vestidos, subiu ao palco do Lírico, e saudou eloquentemente a imortal filha da Itália. Os espectadores sentiam-se bem representados, e mais de uma vez interromperam o discurso com seus aplausos.

Foi um belo momento. A companhia do Ginásio, cortando por todas as banalidades recebidas, não deu à Ristori nem coroas, nem flores, nem versos, nem anéis; deu-lhe os corações, deu-lhe o que se deve a uma deusa: o culto

SILENO [Machado de Assis]
[*Semana Ilustrada*, n. 447, p. 3574-3575, 4 jul. 1869]
Editor: Ivo Korytowski